

Coletivos culturais promovendo jovens protagonistas: da escola para a comunidade

Cultural collectives promoting young protagonists: from school to community

Colectivos culturales promoviendo jóvenes protagonistas: de la escuela a la comunidad

João Eduardo Coin de Carvalho¹, Beatriz Reis de Sousa²,
Eduarda Adão Dantas², Juliana Oliveira Costa e Silva²

1. Psicólogo, doutor. Universidade Paulista (UNIP), Instituto de Ciências Humanas, Curso de Psicologia. São Paulo-SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4772-6194>

2. Psicóloga. Universidade Paulista (UNIP), Instituto de Ciências Humanas, Curso de Psicologia. São Paulo-SP, Brasil.

Resumo

Introdução. Os coletivos culturais são espaços sociais de acolhimento e segurança no qual os jovens possuem, através da interação entre si, inserida na promoção da arte e da cultura, a possibilidade de exercerem suas individualidades e se desenvolverem. **Objetivo.** Conhecer o processo e as implicações da formação e do funcionamento de um coletivo cultural localizado na periferia da cidade de São Paulo, bem como suas consequências no desenvolvimento no enfrentamento da desigualdade social. **Método.** Através de uma pesquisa qualitativa, a coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 7 jovens participantes de um coletivo cultural. As entrevistas foram submetidas à análise temática de conteúdo. **Resultados.** Os resultados revelam a expressiva contribuição da escola na instituição do coletivo cultural. Para estes jovens, o coletivo cultural é um importante espaço de socialização, desenvolvimento e fomento do seu protagonismo, contribuindo para a transformação social por meio da poesia e da música. Além disso, possui grande importância para a comunidade na qual está inserido, diante da escassez na oferta de atividades culturais e sociais. **Conclusões.** Os coletivos culturais podem ser importantes caminhos para o desenvolvimento destes jovens ao proporcionar a possibilidade de superação e a transformação de suas realidades por meio da arte. Neste sentido, é importante que se realizem pesquisas que permitam a observação e acompanhamento destes coletivos, o que pode ampliar os entendimentos sobre a dinâmica das relações e as condições para a instituição e sustentação de coletivos comprometidos com a transformação da sociedade.

Unitermos. Grupo social; jovens; arte; escola; pesquisa qualitativa

Abstract

Introduction. Cultural collectives are social spaces of welcome and security in which young people have, through interaction with each other, inserted in the promotion of art and culture, the possibility of exercising their individualities and developing themselves. **Objective.** To understand the process and implications of the formation and functioning of a cultural collective located on the outskirts of the city of São Paulo, as well as its consequences for development in confronting social inequality. **Method.** Through qualitative research, data collection was carried out through semi-structured interviews with 7 young people participating in a cultural collective. The interviews were subjected to thematic content analysis. **Results.** The results reveal the significant contribution of the school to the institution of the cultural collective. For these young people, the cultural collective is an important space for socialization, development, and promotion them as protagonists, contributing to social transformation through poetry and music. Furthermore, it is of great importance for the community in which it is located, given the scarcity of cultural and social activities on offer. **Conclusions.** Cultural collectives can be

important paths for the development of these young people by providing the possibility of overcoming and transforming their realities through art. In this sense, it is important to carry out research that allows the observation and monitoring of these groups, which can broaden understandings about the dynamics of relationships and the conditions for establishing and sustaining collectives committed to transforming society.

Keywords. Social group; young people; art; school; qualitative research.

Resumen

Introducción. Los colectivos culturales son espacios sociales de acogida y seguridad que los jóvenes tienen, a través de la interacción entre sí, insertos en la promoción del arte y la cultura, la posibilidad de ejercer sus individualidades y desarrollarse. **Objetivo.** Comprender el proceso y las implicaciones de la formación y funcionamiento de un colectivo cultural ubicado en la periferia de la ciudad de São Paulo, así como sus consecuencias para el desarrollo en el enfrentamiento a la desigualdad social. **Método.** Mediante investigación cualitativa, la recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas a 7 jóvenes participantes de un colectivo cultural. Las entrevistas fueron sometidas a análisis de contenido temático. **Resultados.** Los resultados revelan el aporte significativo de la escuela a la institución del colectivo cultural. Para estos jóvenes, el colectivo cultural es un espacio importante de socialización, desarrollo y promoción de su protagonismo, contribuyendo a la transformación social a través de la poesía y la música. Además, es de gran importancia para la comunidad en la que se ubica, dada la escasez de actividades culturales y sociales que ofrece. **Conclusiones.** Los colectivos culturales pueden ser caminos importantes para el desarrollo de estos jóvenes al brindarles la posibilidad de superar y transformar sus realidades a través del arte. En este sentido, es importante realizar investigaciones que permitan la observación y seguimiento de estos grupos, que pueden ampliar la comprensión sobre la dinámica de las relaciones y las condiciones para establecer y sostener colectivos comprometidos con la transformación de la sociedad.

Palabras clave. Grupo social; jóvenes; arte; escuela; investigación cualitativa

Trabalho realizado na Universidade Paulista (UNIP), Instituto de Ciências Humanas, Curso de Psicologia. São Paulo-SP, Brasil.

Conflito de interesse: não

Recebido em: 28/10/2023

Aceito em: 31/10/2023

Endereço para correspondência: João Eduardo Coin de Carvalho. R. Japurá 55, apto 617. Bela Vista. São Paulo-SP, Brasil. CEP 01319-030. E-mail: joao.carvalho1@docente.unip.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é o momento para o indivíduo de experimentação da liberdade, das possibilidades de escolhas e da autonomia, principalmente em relação à família¹, e é a partir de suas experiências com os outros que estes adolescentes são constituídos como sujeitos sociais, construindo referências e valores. O conceito de juventude pode ser entendido como uma categoria sociocultural historicamente construída² e, portanto, não universal, que atribui significado a uma série de comportamentos e atitudes

àqueles indivíduos considerados “jovens”³. Pode-se compreender a juventude como um fenômeno social que possui força de transformação de um contexto histórico e cultural⁴.

Uma cultura juvenil pauta-se em um sistema de valores nos quais os jovens apoiam-se em diferentes modos de expressividade e condições sociais que marcam uma época³. É através da cultura, suas práticas, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam a possibilidade de demarcar sua identidade para assumir o papel de protagonistas na atuação em seus meios e construir um determinado olhar sobre si mesmos e o mundo que os cerca⁵. A juventude presente nas favelas e periferias urbanas brasileiras, muito frequentemente pobre e preta, foi historicamente, concebida como um protótipo de classes perigosas após um aumento da violência nas principais capitais do país após os anos de 1980. Estes jovens numa posição de objeto de problematização no campo do desvio e da marginalidade lutam, também através de suas expressões artísticas, para conferir uma nova possibilidade capaz de transformar os discursos estereotipados que recaem sobre eles. Através da arte e da cultura, estes jovens são capazes de marcar suas presenças na cena pública inserindo-se politicamente nos espaços urbanos⁶. Um grande exemplo deste movimento diz respeito às músicas de rap, nas quais os jovens, a partir de suas histórias e experiências, usam de suas criações artísticas para promover interação com o outro e com o coletivo e assim, tornam-se herdeiros de um conjunto de

narrativas comuns. O rap é capaz de estimular os jovens para a reflexão de si mesmo e dos lugares sociais que ocupam e, desta forma, promove uma ressignificação das identidades destes jovens. Além disso, o rap proporciona formas próprias de intervenção dos jovens na sociedade com suas práticas culturais; o que não significa fundamentalmente que haja uma colocação de resistência ou oposição de classe em suas letras⁵.

A interação de um conjunto de pessoas ligadas no tempo e espaço por compartilhar ideias, inseridas nos diversos espaços sociais, proporciona agrupamentos ou tribos. Considerando-se as condições nas quais a juventude insere-se, estas interações dentro de um espaço social de experiências conjuntas beneficiam os jovens levantando o espírito de coletividade, aumentando a autoestima e buscando novas formas de combater os problemas, de diversas esferas, presentes no cotidiano⁷. O grupo como um coletivo periférico caracteriza-se como espaço de acolhimento e segurança, porém a coletividade não suprime a individualidade do jovem, o que resulta na possibilidade de múltiplas conexões com outros grupos⁸. Isto é, os jovens migram de uma tribo a outra e adquirem conexões múltiplas e, como consequência desta movimentação, variam seu comportamento de acordo com o território ocupado.

O grupo para os jovens, mesmo sem assumir uma organicidade prévia, assume papel de partilha de vivências, principalmente dos contextos escolares e familiares, através de suas conversas cotidianas⁹. É no grupo que eles

encontram um espaço de identificação com o outro e podem conversar sobre seus problemas e angústias, suas incertezas e sentimentos. Portanto, as semelhanças de idade e formação geracional, junto com percursos sociais similares, ocasionam um sentimento de pertença e integração por meio do compartilhamento de sentidos e representações comuns¹⁰. Pode-se considerar que os grupos nos quais os jovens estão inseridos caracterizam-se, em sua maioria, como grupos associativos, isto é, grupos formados em decorrência de atividades ou valores comuns entre eles³. Estes grupos carregam o aspecto da instabilidade (mudanças de atividades ou valores) que faz com que haja uma possibilidade de se desfazerem rapidamente. Um valor comum muito presente nos grupos associativos, compostos por jovens, está relacionado às necessidades de autoafirmação e autonomia, fato que pode exemplificar a marca instável destes grupos, visto que estas necessidades se transformam ao longo da vida. Deve-se levar em conta que estes valores são dominantes na juventude quando os jovens costumam ganhar mais autonomia, porém ao serem incluídos na passagem para a vida adulta, assumem um conjunto de novas responsabilidades que os levam a renunciar a antigas atividades e valores¹⁰.

Uma vez que o indivíduo se agrupa por meio do reconhecimento no outro, de uma realidade semelhante, cria-se uma condição de emoção compartilhada, uma ligação emocional observada pelo fortalecimento de uma união coletiva de reciprocidade, ajuda mútua e sentimento de

pertença. Além disso, entende-se que o grupo pode funcionar como um auxiliar do desenvolvimento do jovem, de forma a proporcionar um entendimento maior de si, através do ajudar e entender do outro, e assim, fazendo com que o grupo e seus membros sejam cada vez mais importantes e mais presentes diante do coletivo⁴.

As inserções de jovens em grupos, sejam eles de quaisquer tipos, acontecem por meio da identificação com o outro, propiciada por exemplo por atividades e valores em comum. Ao mesmo tempo, essas inserções influenciam no processo, contínuo e sempre realizado a partir do outro, de construção de suas identidades. Importa lembrar que a construção da identidade pessoal do jovem é um processo intersubjetivo³. Os jovens dentro de um grupo, tendem a adotar estratégias que acentuam as diferenças entre o grupo a qual pertencem e os demais; isso faz com que assegurem uma distintividade positiva para o grupo fornecendo base para a proteção, preservação e acentuação da identidade social de seus membros⁹. Tal afirmação reforça a concepção de que as práticas grupais se associam à formação das identidades juvenis, influenciando no desenvolvimento da imagem que o jovem desenvolve de si e dos outros³. Paradoxalmente, a segregação e discriminação sofridas por jovens periféricos impulsionam a busca por novas formas de coletividade que possibilitem que se apossam de suas realidades de outras maneiras, e pode-se considerar que, através dos grupos, os jovens são capazes de juntar e compartilhar suas vivências de modo que transformem, em

graus variados, suas realidades⁸. Compreende-se que os jovens constituídos coletivamente em torno de práticas culturais de arte e lazer elaboram, através de redes de articulação das experiências cotidianas, formas de enfrentamento frente às diferentes ocorrências de marginalização e discriminação.

Proporcionar novas formas de enfrentamento da marginalização e da discriminação com a formação de liderança e fortalecimento, através do poder de autonomia pessoal e coletiva dos jovens e dos grupos, pode ser encarado como o principal objetivo de grupos inseridos em organizações institucionais de diversos tipos⁴. Dentro deste contexto de busca pela construção de autonomia pessoal e coletiva e pelo enfrentamento de situações opressivas, os grupos, quando alcançam uma esfera política, possuem dois caminhos a serem seguidos: a configuração tradicional via partidos e movimentos, e a participação direta vivenciada através das manifestações de diversas formas⁷. A participação destes jovens em âmbitos políticos somente torna-se possível a partir do momento em que, através do compartilhamento de experiências comuns no grupo, adquirem consciência das posições discriminatórias e marginalizantes impostas pelo meio social vigente. Além disso, a participação política é consequência do processo grupal no qual o jovem percebe-se como algo importante e ao mesmo tempo é percebido por seus pares como valoroso no espaço político¹⁰.

Pensando na ligação entre as ocupações feitas pelos coletivos com a situação política, torna-se necessária a reflexão sobre como os governos comportam-se diante das demandas da população jovem e como os coletivos reagem a isso¹¹. Um governo que falha pela escassez na oferta de serviços sociais para os jovens, restringe suas possibilidades de socialização e aprendizagem¹. É diante desta falta que os jovens, organizados em coletivos, reivindicam suas demandas por meio de movimentações culturais (por exemplo através das letras de rap) e manifestações políticas.

Se pelo âmbito individual, as políticas públicas enfrentam dificuldades de acesso à população jovem, é através dos coletivos que elas atuam em maior ou menor grau, os quais geram diferentes tipos de consequências. Com a influência de políticas públicas nos coletivos culturais, os jovens ganham a possibilidade de fortalecer ações mobilizadoras, reclamar direitos e ascender a uma existência valorizada. Porém, se houver uma dominação dessas políticas sobre os coletivos que passe a limitar suas ações, pode resultar em uma diminuição nos participantes desses coletivos, levando até ao seus desmanches⁶.

Apesar do grupo ser capaz de produzir diversos recursos que possibilitam um maior desenvolvimento, em especial, social do jovem; ele não é capaz de superar a realidade na qual este jovem insere-se, pois não possui tal capacidade para superar, de fato, as condições de desigualdade social. É diante deste fato que se reconhece os limites das ações de um grupo, compreendendo-se que,

apesar de suas mais positivas mudanças, as maiores transformações fogem do alcance exclusivo deste grupo, dependendo de muitas outras variáveis para acontecerem.

Neste cenário, a escola pode colaborar para que os jovens possam ocupar a posição de protagonistas. A promoção de um ambiente de maior diálogo entre gerações, o foco no ensino na periferia e uma educação não voltada apenas ao trabalho poderiam promover esta função. A mudança desse cenário colaboraria para a criação de uma nova perspectiva e elaboração do futuro desses jovens. O trabalho com a realidade material e histórica em que os jovens estão inseridos e promovendo uma mudança perspectiva de si e da comunidade entre estudantes e professores, a escola deve proporcionar uma educação emancipatória. Eventualmente por meio da arte¹².

O objetivo deste trabalho foi conhecer o processo e as implicações da formação e do funcionamento de um coletivo cultural localizado na periferia da cidade de São Paulo, bem como suas consequências no desenvolvimento de jovens e no enfrentamento da desigualdade social.

MÉTODO

Participantes

Fizeram parte desta pesquisa, sete jovens integrantes de um coletivo cultural da periferia de São Paulo, com idades entre 11 e 22 anos (Tabela 1), a maioria deles frequentando a escola pública, sendo que um deles já havia terminado o ensino médio. O coordenador do coletivo também foi

solicitado a apresentar o coletivo e a história de sua constituição.

Tabela 1. Participantes.

Participante	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Tempo no coletivo (anos)
Entrevistado 1	16	masculino	2º ano Ensino Médio	6
Entrevistado 2	17	masculino	3º ano Ensino Médio	4
Entrevistado 3	17	feminino	3º ano Ensino Médio	5
Entrevistado 4	18	feminino	3º ano Ensino Médio	5
Entrevistado 5	11	feminino	6º ano Fundamental II	3
Entrevistado 6	22	masculino	Ensino Médio completo	6
Entrevistado 7	16	feminino	2º ano Ensino Médio	2

Este coletivo cultural foi criado em 2014 a partir de uma iniciativa dos alunos de uma escola do bairro junto a um professor desta escola que se tornou o coordenador do coletivo. O coletivo utiliza da arte, através da poesia e da música, como forma de expressão da cultura periférica.

Os procedimentos éticos deste estudo estão de acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. O trabalho foi

submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paulista e aprovado (CAAE:45145221.9.0000.5512).

Procedimento

Instrumentos

Tendo como referência os princípios da pesquisa qualitativa¹³, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais utilizando um roteiro de perguntas (Tabela 2); também se usou o recurso de gravação fornecido pela plataforma digital ZOOM, na qual ocorreu a entrevista.

Tabela 2. Roteiro de entrevista.

Dados de Identificação (nome, idade, série)
Há quanto tempo participa das atividades do coletivo?
Como e por que você entrou para o coletivo?
Quais são as relações entre vocês (mesma escola, vizinhos, família; interesses comuns)?
Quais as suas atividades no coletivo?
O que significa participar do coletivo?
Quais os objetivos do coletivo?
Como é a organização do coletivo (lideranças e diferentes funções)?
O que, no seu entendimento, mantém o coletivo?
O que desafia/ameaça a manutenção do coletivo?
O que o coletivo trouxe para a sua vida?
Qual a função e a importância de grupos de jovens na nossa sociedade?
Qual a função e a importância de grupos de jovens nesta comunidade?

Coleta de Dados

Devido à pandemia da COVID-19, os pesquisadores realizaram entrevistas que foram gravadas, de forma remota, com alguns integrantes do coletivo cultural em questão. O trabalho foi iniciado através do contato com o coordenador do coletivo, com o qual marcou-se uma reunião para a apresentação do projeto de pesquisa e uma conversa

inicial sobre a história do coletivo. Em seguida, foram indicados os participantes que poderiam participar das entrevistas. Logo após, o contato com os participantes foi realizado e as entrevistas foram marcadas. Antes da coleta dos dados ser realizada, foram apresentados os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento e Termo de Consentimento para o Responsável, os quais foram assinados previamente pelos participantes e seus responsáveis (quando menores de idade), permitindo dessa forma, a realização das entrevistas.

Análise de Dados

Os dados coletados durante a realização das entrevistas foram analisados por meio de análise temática de conteúdo¹⁴. As entrevistas transcritas foram então categorizadas de acordo com os temas principais presentes nas entrevistas, separando em tabelas os trechos das falas dos entrevistados que tratavam destas temáticas, como pode ser visto na Tabela 3.

RESULTADOS

Através da fala de um dos entrevistados e do coordenador do coletivo, foi possível conhecer que a origem do coletivo foi um projeto de valorização da cultura latino-americana, organizado pelo próprio coordenador, no qual um grupo de amigos, após começarem a se interessar por poesia nas aulas de outra professora, passaram a escrever e declamar poesias, inicialmente voltadas para a temática da

cultura latino-americana e depois abrangendo outros assuntos, como a Literatura Periférica Marginal.

Tabela 3. Organização dos trechos das entrevistas para a categoria “significado do coletivo”.

participante	trecho da entrevista
1	"Eu acho, eu acho que é um pouco sobre representatividade lógico, né, sobre representar o pessoal da comunidade, o pessoal da escola, eu acho que é sobre entender o seu lugar na sociedade, entender que existem privilégios, (...) porque somos privilegiados, a gente nasce com privilégios. (...) O [COLETIVO] significa muito para a minha formação, (...) bastante sobre as causas sociais (...)."
2	"(...) ser do [COLETIVO] é ser louco hoje em dia (...) ser do [COLETIVO] é... ser resistência (...) Ser do [COLETIVO] é ser radical, assim, vamos se dizer; é ser... louco, da cabeça. (...) Ah cara, o [COLETIVO]... o [COLETIVO] pra mim... é tudo, vamos se dizer assim, cara. Porque, se não fosse o [COLETIVO], hoje em dia, eu não seria eu, eu posso arriscar em dizer isso, cara. (...) Sabedoria! Pra eu lidar com os problemas, assim... de uma forma surreal (...)."
3	"(...) mas é tipo, como se fosse a minha segunda família. O [COLETIVO]... muitas vezes, eh... me acolheu, eh... o X (coordenador do coletivo) principalmente. O X nem sabe o tanto de coisa que ele fez por mim, acho que nem passa pela cabeça dele, né. E... é minha segunda família de tipo... eu me sinto confortável pra falar dos assuntos que eu não me sinto confortável de falar em casa, é... e é isso."
4	"Hm... significa... eu acho que o [COLETIVO], a gente que tá a tanto tempo, né, a gente já começa a ser o [COLETIVO], né, nem mais tipo... tá com o [COLETIVO], o [COLETIVO] já... vira a gente... (...) É muito importante, o [COLETIVO] crescendo, né, conhecendo outros poetas, é... as pessoas reconhecendo né, é... vendo também a gente declamando na comunidade, as crianças que chegam no sarau. Então... pra mim, é muito importante, porque é uma parte da minha vida, né. Desde que eu tinha os meus... acho que 14 anos... pera, 12, por aí, mais ou menos nessa idade. Então... é isso, é, eu me sinto muito bem, me sinto... sinto que eu tenho um espaço pra falar, um espaço que me acolhe e esse espaço é as pessoas do [COLETIVO] mesmo."
5	"Ah... o [COLETIVO]... é como se fosse uma família, sabe, pra gente. Eu fiz, é uma família mesmo... porque, tipo assim, as pessoas tão sempre com você, tá todo mundo te ajudando, tá todo mundo... sabe, bem..."
6	Ele significa um refúgio, né, um lugar onde eu posso me sentir... em casa, onde eu posso me sentir eu mesmo, sabe, onde eu posso me sentir à vontade de... de poder falar o que eu penso, de falar o que... é... o que eu gosto, de me expressar, né, é tipo um... um santuário pra mim, sabe. O [COLETIVO] significa um... é, com certeza, é um santuário, um lugar onde eu posso me sentir... tranquilo, né, um refúgio"
7	"O [COLETIVO] significa pra mim, nossa, o [COLETIVO] pra mim nossa, acho que significa conhecimento, porque eu aprendo muito com o pessoal, com X (coordenador do coletivo), com todo mundo, então é isso. "

Com o crescimento do projeto, sentiu-se a necessidade dar um nome ao grupo, resultando em um processo até a chegada do nome atual a partir do entendimento de que havia “*muitas cabeças e corações que precisavam ser*

ouvidos e compreendidos” (coordenador). Dessa forma, o coletivo começou despretensiosamente e hoje está chegando a lugares antes não imaginados, levando suas poesias para além dos muros da escola.

As falas dos participantes foram organizadas de acordo com as seguintes categorias de análise: objetivos do coletivo, organização do coletivo, relações entre os participantes, elementos que mantêm o coletivo, desafios para a manutenção do coletivo, consequências da participação dos entrevistados no coletivo, inserção dos participantes no coletivo, motivação dos entrevistados em participarem do coletivo. As subcategorias encontradas e suas frequências estão indicadas na Tabela 4.

Tabela 4. Categorias de análise e frequências das respostas.

Categorias de análise	frequência
Objetivos do coletivo	
representatividade	4
acesso à diversidade cultural	3
desenvolvimento pessoal	2
conscientização histórico-social	2
transformação social	1
apoio entre participantes	1
Organização do coletivo	
divisão flexível de funções	6
coordenador organiza o grupo	3
Relações entre participantes	
desentendimentos	4
“panelinhas”	2
tem interesses em comum	2
vizinhos	2
união do grupo	1
amigos	1
Elementos que mantêm o coletivo	
acolhimento	3
sensação de bem-estar	3
amizades adquiridas	2
apoio dos participantes	2
desenvolvimento (pessoal, escola, comunidade)	2
auxílio do coordenador	1
apoio/incentivo da escola	1
ideais do grupo	1
poesia	1
acesso à cultura	1

Tabela 4 (cont.). Categorias de análise e frequências das respostas.

Categorias de análise	frequência
Desafios para a manutenção do coletivo	
conflitos entre os participantes	5
saída de participantes	2
falta de apoio familiar	1
preconceito dos participantes em relação ao grupo	1
convívio	1
envelhecimento dos participantes	1
Consequências da participação no coletivo	
desenvolvimento de consciência histórico-social	5
desenvolvimento pessoal	3
acesso à cultura	2
a sensação de bem-estar	2
o acolhimento entre os participantes	2
a possibilidade de sentir-se representado	2
provocar transformação social	2
autoaceitação	1
visibilidade social	1
capacidade de expressão artística	1
caráter terapêutico do coletivo	1
desconstrução de estigmas e preconceitos	1
novas amizades	1
perspectiva de futuro	1
novos interesses	1
Inserção dos participantes no coletivo	
convite do coordenador	3
indicação de um professor	3
incentivo de familiares e amigos	3
criação do coletivo	1
Motivação dos entrevistados	
amizade com participantes	3
entretenimento	1
status	1
interesse por poesia e música	1
convite do coordenador	1
não apontaram motivações	1
Atuação no coletivo	
declamando poesias/rap	4
organização de saraus e apresentações	3
tocando instrumentos musicais	3
apresentadores nos eventos do coletivo	3
tirar/editar fotos	1
mediar as relações entre participantes	1
cuidar da parte sonora de saraus e apresentações	1
Significado do coletivo	
acolhimento	4
amizade	2
representatividade	2
conhecimento	1
reconhecimento	1
identidade	1
desenvolvimento pessoal	1
militância	1
consciência histórico-social	1
Importância do coletivo para a comunidade	
acesso à cultura	4
representatividade	3
oportunidade de lazer	3
transformação social	3
conhecimento	1
ocupação do tempo vago dos jovens	1
Importância de coletivos culturais para a sociedade	
conscientização histórico-social	2
engajamento das pessoas para movimentos sociais	2
desenvolvimento pessoal	2
representatividade	2
identificação entre participantes	1
acolhimento do coletivo	1
acesso à cultura	1

Sobre os **objetivos do coletivo**, os entrevistados apontaram para a representatividade (4), para o acesso à diversidade cultural (3), para o desenvolvimento pessoal (2), para a conscientização histórico-social (2), e ainda para a transformação social e apoio entre participantes.

Em relação à **organização do coletivo**, quase todos os entrevistados (6) revelaram que há uma divisão flexível de funções e alguns (3) apontaram para o coordenador como quem organiza o grupo.

No que diz respeito às **relações entre os participantes**, os entrevistados revelaram desentendimentos entre eles/as (4), presença de “panelinhas” (2), interesses em comum (2), a condição de vizinhos (2), e ainda a união do grupo e amizades.

Sobre os **elementos que mantêm o coletivo**, os entrevistados trouxeram o acolhimento entre os participantes (3), a sensação de bem-estar (3) e o contato com as causas sociais (3). Assim também as amizades adquiridas (2), o apoio dos participantes (2) e o desenvolvimento pessoal, da escola e da comunidade (2). Outros motivos citados foram: o auxílio do coordenador, o apoio/incentivo da escola, os ideais do grupo, a poesia e o acesso à cultura.

No que diz respeito aos **desafios para a manutenção do coletivo**, a maioria dos entrevistados (5) apontou para os conflitos entre participantes, e foram citados a saída de participantes (2). Outros desafios citados foram: falta de apoio familiar, preconceitos do próprio participante em

relação ao grupo, convívio e envelhecimento dos participantes.

Em relação às **consequências da participação dos entrevistados no coletivo**, a maioria (5) apontou para um desenvolvimento de consciência histórico-social, já alguns (3) levantaram o desenvolvimento pessoal (capacidade de falar em público, diminuição da timidez, entre outros), e outros (2) ainda citaram o acesso à cultura, a sensação de bem-estar, o acolhimento entre os participantes e a possibilidade de sentir-se representado e provocar transformação social. Outras consequências citadas foram: autoaceitação, visibilidade social, capacidade de expressão artística, caráter terapêutico do coletivo, desconstrução de estigmas e preconceitos, novas amizades, perspectiva de futuro e novos interesses.

No tocante à **inserção dos participantes no coletivo**, alguns (3) entraram por meio de convite do coordenador, o restante dos entrevistados (3) entrou por indicação de um professor, por incentivo de familiares e amigos. Um entrevistado participou da criação do coletivo.

Relacionado à **motivação dos entrevistados em participarem do coletivo**, alguns (3) responderam que seria a amizade com participantes que já estavam no coletivo. Também foram levantados como motivos: entretenimento, status, interesse por poesia e música e convite do coordenador. Dois entrevistados não apontaram motivações.

No que diz respeito à **atuação no coletivo**, eles se descrevem como declamando poesias/rap (4), cuidando da organização de saraus e apresentações (3), tocando instrumentos musicais, como ukulele, violino e violão (3), ou atuando como apresentadores nos eventos do coletivo. Além das atuações citadas, também foram apontadas outras atividades: tirar fotos, editar fotos, mediar as relações entre participantes e cuidar da parte sonora de saraus e apresentações.

Em relação ao **significado do coletivo** para os entrevistados, os entrevistados trouxeram o sentimento de acolhimento (4), a amizade (2), a representatividade (2) e outros significados: conhecimento, reconhecimento, identidade, desenvolvimento pessoal, militância e consciência histórico-social.

Sobre a **importância do coletivo para a comunidade**, citaram o acesso à cultura (4), a representatividade (3), a oportunidade de lazer (3) e a transformação social (3). Outros pontos revelados foram o conhecimento e a ocupação do tempo vago dos jovens.

Sobre a **importância de coletivos culturais para a sociedade**, os entrevistados pontuaram a conscientização histórico-social (2), o engajamento das pessoas para movimentos sociais (2) e o desenvolvimento pessoal (2). Outros pontos citados foram: representatividade, identificação entre participantes, acolhimento do coletivo e acesso à cultura.

DISCUSSÃO

De acordo com os participantes, o coletivo foi se formando gradativamente a partir de um grupo de amigos que gostavam de criar e compartilhar poesias, e o grupo passou a constituir-se, de fato, enquanto coletivo cultural a partir da atuação do coordenador, então professor da escola pública onde estudavam aqueles adolescentes. O professor foi elemento fundamental que agregou ao grupo uma determinada organização que visa ao compartilhamento de um projeto ou atividade em comum e a construção de sinais identitários⁷, ou seja, a criação e divulgação de poesia e a construção de uma identidade.

Com o coletivo já formado, viu-se que a inserção de mais participantes deu-se, em grande parte, pelo convite do coordenador aos entrevistados, e mesmo outras maneiras de inserção, contaram, de alguma maneira, com o convite deste coordenador. Já sobre as motivações dos entrevistados para participarem, isto é, o que, de fato, os inseriu no coletivo, notou-se que a amizade deles com outros participantes foi o principal motivo citado, seguido da busca por entretenimento. Estes dados referem que os participantes entraram no coletivo inicialmente por razões de cunho individual, mesmo havendo uma valorização do grupo e da comunidade, confirmando a valorização da individualidade e subjetividade entre os mais jovens na sociedade contemporânea⁴. Uma condição que indica a importância do olhar cuidadoso na compreensão das condições de instituição e nas estratégias de engajamento e participação em

coletivos e culturais e sociais, desde que esta instituição como grupo associativo³, fortemente marcado por pautas individuais compartilhadas, não contribui para sua manutenção.

Ainda sobre a inserção desses jovens no coletivo, percebe-se uma forte presença da escola nesse processo, visto que todos os entrevistados entraram em contato com o coletivo na instituição, por meio da mediação direta ou indireta do coordenador. Nesse sentido, pode-se afirmar que a escola e o coordenador têm um papel fundamental na manutenção do coletivo, pois contribuíram e contribuem para o engajamento dos participantes¹².

Além da escola, destacam-se outros fatores importantes para a manutenção do coletivo, como o acolhimento e o apoio entre participantes, a sensação de bem-estar e as amizades adquiridas. Isso ressalta o valor do grupo enquanto um lugar de compartilhamento de experiências, dúvidas, inseguranças e constituição de uma rede de apoio⁷.

Outros destaques dizem respeito aos ideais do grupo e o contato com causas sociais e o desenvolvimento pessoal, da escola e da comunidade, fatores que servem como mecanismos afetivos e de sustentação coletiva que proporcionam auxílio mútuo³.

Já sobre os desafios para a manutenção do coletivo, a maioria dos entrevistados aponta para os conflitos entre participantes, resultantes da formação de pequenos grupos ("panelinha") dentro do coletivo. Este fato permite o

entendimento de que o coletivo se mantém por seus ideais progressistas e pela busca do acesso à cultura, em meio à diversidade de recursos e interesses de seus participantes, constituindo um “nós” heterogêneo de sujeitos livres; e é dessa diversidade que os conflitos surgem⁷.

Além dos conflitos, apesar de pouco citado pelos entrevistados, outro fato desafiador para a existência do coletivo diz respeito às saídas dos participantes mais velhos que, na passagem para a vida adulta, necessitam assumir novas responsabilidades, contribuindo para afastá-los do coletivo¹⁰.

Em relação às consequências da participação no coletivo, nota-se uma forte contribuição no enfrentamento das questões sociais periféricas, ao possibilitar aos participantes uma conscientização histórico-social, isto é, adquirir consciência das posições discriminatórias e marginalizantes impostas pelo meio social vigente¹⁰, e transformação social por meio da cultura, no compartilhar de vivências que modifiquem, em graus variados, suas realidades⁸.

Além disso, outras consequências apontadas relacionam-se com o desenvolvimento pessoal de cada participante. Utilizando-se da arte, estes jovens buscam a possibilidade de demarcar suas identidades e assumir o papel de protagonistas de seus meios, construindo um determinado olhar sobre o mundo que os cerca e sobre si mesmos⁵.

Ainda, essas consequências vão ao encontro dos objetivos do coletivo, relatados pelos entrevistados, demonstrando que o coletivo funciona em direção à conquista de transformação social, possibilitando conscientização histórico-social, representatividade dentro da comunidade, diversidade cultural e desenvolvimento pessoal.

Na busca por compreender a importância e o significado do coletivo para os seus participantes, obteve-se que o sentimento de acolhimento, a amizade e a representatividade foram as respostas mais dominantes, o que reforça a concepção de que o indivíduo, ao participar de um grupo, por meio do reconhecimento no outro, de uma realidade semelhante, estabelece uma condição de emoção compartilhada, um tipo de ligação emocional que pode ser observada no fortalecimento de uma união coletiva com reciprocidade, ajuda mútua e sentimento de pertença⁴.

Já outros significados relacionaram-se à criação de desenvolvimento pessoal, militância e consciência histórico-social, mostrando que o coletivo assume um papel importante de espaço de socialização e aquisição de repertórios úteis na coletividade, constituindo-se como um elemento essencial no desenvolvimento, em diversos aspectos, desses jovens⁴.

Diante das respostas dos participantes, pode-se compreender que o coletivo possui grande importância para a comunidade na qual está inserido, isto porque, diante da escassez na oferta de serviços sociais, restringindo suas

possibilidades de socialização e aprendizagem¹, o coletivo contribui para a transformação social por meio do acesso à cultura, representatividade e acesso ao lazer.

Esperando que outros coletivos culturais possam agir de maneira semelhante a este em suas comunidades, pode-se entender a importância que as ações desses coletivos podem ter em cada território e na sociedade como um todo, promovendo conscientização das condições sócio-históricas, engajamento e a possibilidade de protagonismo de adolescentes e jovens em movimentos que possam transformar sua realidade.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi investigada a formação de coletivos culturais na periferia de São Paulo e a participação de jovens nesses ambientes. Notou-se que, no caso do deste coletivo, a escola exerceu um papel fundamental, pois é através da parceria entre a escola e o coletivo que se dá a renovação dos participantes, fator essencial para a manutenção do grupo.

Além disto, observou-se que o coletivo se constitui como um grupo heterogêneo no que diz respeito à diversidade de seus participantes o que permite que diferentes atividades sejam desenvolvidas dentro do coletivo, no entanto levanta desafios, como a administração de conflitos entre os participantes.

Entende-se a importância desses coletivos para o desenvolvimento destes jovens e se estende ainda à

comunidade, pois proporcionam a possibilidade de superação e a transformação de suas realidades por meio da arte, neste caso, por meio da poesia e da música.

Neste sentido, é importante que se realizem pesquisas que permitam a observação e acompanhamento de coletivos como este, o que pode ampliar os entendimentos sobre a dinâmica das relações e as condições para sustentação e enfrentamento de conflitos entre os participantes dos grupos.

REFERÊNCIAS

- 1.Ladislau JO. Projeto de intervenção: elaboração de uma proposta de trabalho em grupo junto aos adolescentes da área de abrangência do centro de saúde Etelvina Carneiro (Trabalho de conclusão de curso de especialização). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais; 2018; 26p.
<http://localhost:8080/xmlui/handle/123456789/64>
- 2.Bueno CO, Strelhow MRW, Câmara SG. Grupos e qualidade de vida na adolescência: Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes. Psico-USF 2010;15:311-20.
<https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300005>
- 3.Dias DC. Tribos na Sala de Aula: um estudo sobre culturas juvenis na escola (Dissertação). Blumenau: Universidade Regional de Blumenau – FURB; 2011; 109p.
http://www.bc.furb.br/docs/DS/2011/349200_1_1.pdf
- 4.Hammes LJ. Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis (Tese). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos; 2005; 207p.
<https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/2509>
- 5.Dayrell J. O rap e o funk na socialização da juventude. Educ Pesqui 2010;28:117-36.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100009>
- 6.Raposo O, Aderaldo G. Políticas públicas e produção artístico-cultural entre jovens das periferias de Lisboa e São Paulo. Etnográfica 2019;23:109-32. <https://doi.org/10.4000/etnografica.6395>
- 7.Maia HM. Grupos, redes e manifestações: a emergência dos agrupamentos juvenis nas periferias de São Paulo (Dissertação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2014; 154p.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3579>
- 8.Weller W. Práticas culturais e orientações coletivas de grupos juvenis: um estudo comparativo entre jovens negros em São Paulo e

- jovens de origem turca em Berlim. 13º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Internet). Ouro Preto: Associação Brasileira de Estudos Populacionais; 2002 (acessado em: 03/10/2023). Available from: [https://www.academia.edu/71997187/Práticas Culturais e Orientações Coletivas de Grupos Juvenis um estudo comparativo entre jovens negros em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim](https://www.academia.edu/71997187/Práticas_Culturais_e_Orientações_Coletivas_de_Grupos_Juvenis_um_estudo_comparativo_entre_jovens_negros_em_São_Paulo_e_jovens_de_origem_turca_em_Berlim)
- 9.Gouveia-Pereira M, Pedro I, Amaral V, Alves-Martins M, Peixoto, F. Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicol* 2000;18:191-201. <https://doi.org/10.14417/ap.414>
- 10.Moreno RC, Almeida AMF. Quando jovens ativistas do hip hop encontram a política partidária. *Rev Sociol Polit* 2017;25:5-29. <https://doi.org/10.1590/1678-987317256101>
- 11.Frugoli Jr H. Ativismos urbanos em São Paulo. *Cad CRH* 2018;31:75-86. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000100005>
- 12.Carli FD. Antes não, agora sim! Protagonismo Juvenil, projeto de vida e processos de resignificação na escola: um olhar a partir do Programa Ensino Integral em São Paulo (Tese). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2018; 101p. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21293>
- 13.Minayo MCS. *Desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; 2014; 416p.
- 14.Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 2011; 288p.